

Arte primitiva ou Exogramas?

Notação por: Paulo Tiago Cabeça tgcabeca@uevora.pt

Palavras-chave: Exograma; Arte primitiva; Criatividade; Paleoarte, Manuport.

Citação: Cabeça, Paulo. 2024. Arte primitiva ou exogramas. In: Silva, Vandeir. 2024. Cultura e escrita em movimento. Sociedade, Património e religiosidade. Pp. 241-250. Patrimônio Cultural de João Pinheiro. DOI: 10.5281/zenodo.11460036. ISBN: 978-65-01-04652-5. https://www.academia.edu/120701147/Cultura_e_Escrita_em_Movimento_Sociedade_Patrim%C3%B4nio_e_Religiosidade?sm=a

Abstract

Arte primitiva ou exogramas? Analisamos neste texto a proposta de Robert Bednarik (2018) e da sua noção de exogramas, ou auxiliares de memória, que na sua tese, estarão na base do que erradamente chamamos arte primitiva simbólica. Construção mental ou mimetismo de função orgânica a tese de exograma parece apontar para uma origem biológica da arte, como outras interpretações que indicamos.

Primitive art or exograms? In this text, we analyze the proposal of Robert Bednarik (2018) and his notion of exograms, or memory aids, which in his thesis, will be at the basis of what we mistakenly call symbolic primitive art. Mental construction or mimicry of organic function The exogram thesis seems to point to a biological origin of art, like other interpretations that we have indicated.

Arte ou exogramas?

Segundo Robert Bednarik (2018) muitas das diferenças entre humanos e outros animais, que ainda eram defendidas no séc. XX, estão agora a ser refutadas pela ciência, particularmente a etologia e a neurociência. A criação de ferramentas muitas vezes era citada como diferença, afirma, mas muitos animais “são adeptos de fabricar e usar ferramentas” garante. Algumas populações de chimpanzés, por exemplo “foram registados a usar dezassete tipos de ferramentas”. A linguagem e capacidade de manter um discurso era vista como uma característica apenas humana, mas a maioria dos animais têm sistemas comunicacionais deveras complexos e “quase tão bem desenvolvidos como em humanos” afirma. Até as teorias da mente, da autoconsciência, da recursão e da meta-representação perdem a sua exclusividade como variáveis exclusivamente humanas, garante. Afirma assim que “isto deixamos apenas com um traço distintivo: o talento de criar e usar traços de memória externos ao cérebro”¹: o que chama de *exogramas*. A paleoarte, afirma, será a “principal prova empírica desta habilidade do passado humano”.

No entanto Bednarik garante que a definição *paleoarte* foi “mal construída em vários aspetos”. Pontos, traços, pinturas, escavações, riscos, traços em pedras e afins, não se podem considerar “arte” - um termo inventado pela “primazia cultural europeia”². São “exogramas”. Traços de

¹ Tradução do inglês pelo autor.

² Robert Bednarik. Professor (Full) at Hebei Normal University Australia. In: <https://www.researchgate.net/profile/Robert-Bednarik>

memória exteriores ao cérebro concretizados mais ou menos conscientemente pelos primeiros humanos, por analogia com traços de memória internos "enagramas"³ que são uma "alteração do tecido neural que se pensa ocorrer após a estimulação do cérebro e responsável pela memória". O ser humano replicaria, assim exteriormente, um processo biológico orgânico interno. Pois os exogramas, como por exemplo traços na rocha, orifícios num teto ou parede de gruta, sequencias de pontos pintados etc.. são muitas vezes uma elaboração e um processo exigente e trabalhoso e, portanto, pressupõem noção e intenção do resultado final. Estes "armazenamentos externos de memória" permitem que os nossos "mundos imaginários se tornem reais", logo podemos concluir que serão realizações intencional e conscientemente simbólicas. Existem significativas diferenças entre cérebros que operam com e sem estes auxiliares externos de memória, garante. Também não há provas de que outros animais tenham capacidade de criar e usar exogramas. Assim o seu uso consciente é o que "nos distingue das restantes criaturas no planeta". O propósito último do trabalho sobre os exogramas em causa, admite, é mostrar como a procura da "origem" da arte simbólica foi sempre mal conduzido e, segundo afirma, encaminhado politicamente para dar primazia à cultura europeia, em total detrimento da cultura africana, asiática e australiana.

Bednarik cita Sperber (1996) afirmando que "Cultura é meramente uma epidemia de representações mentais" e a cultura humana e o seu desenvolvimento ao longo de milhões de anos seria impensável sem o uso destes marcos de memória externos ou exogramas. A complexidade de nossos sistemas cognitivos seria inconcebível sem a enorme massa de traços de memória armazenados externamente, sejam eles memes, unidades de informação, numerais, caracteres escritos, insígnias, obras de arte, roupas, entidades simbólicas, marca nomes, mapas, verbetes de dicionários, significados percebidos, sistemas de crenças e suas manifestações, sistemas de classificação, emoticons, jingles publicitários, placas de rua, slogans e um milhão de outras coisas que provocam significados detalhados em nossos cérebros, garante. E tudo isto são exemplos de exogramas. Afirma mesmo que este uso condicionou a nossa evolução. Garante que à medida que a competência homínida em empregar e explorar exogramas se tornou o fator de seleção primário na maximização da aptidão cognitiva nos nossos ancestrais, "esses processos autocatalíticos substituíram gradualmente os critérios de seleção natural". E isso terá levado às realidades construídas em que existimos, individualmente ou coletivamente. Portanto Bednarik afirma que os exogramas - conceito de projeções neurais que, afirma foi o primeiro a definir em 1987 – geram molduras de referência e realidades de autorreferencia. Cita Plotkin (2002) para garantir que "As nossas realidades existem porque os nossos mundos imaginários se tornaram reais". Sem esses traços de memória externa não teríamos a capacidade de lidar neuralmente com "a grande carga cognitiva que a complexidade cultural nos impôs como espécie". Eles explicam a considerável e crescente distância cognitiva entre a nossa cultura e a dos restantes primatas numa escala evolutiva.

Bednarik exemplifica com o uso de missangas. As missangas ou pequenas contas de variados materiais estão entre os primeiros artefactos exogramáticos conhecidos e que ainda são usados hoje. Podem transmitir um sem número de ideias, garante, dependendo do contexto cultural. Estatuto, disponibilidade para casar, encantos contra qualquer número de perigos, afiliação, personalidade, posição social e outros. Sabemos que as primeiras peças cerâmicas conhecidas, portanto que passaram pelo processo de modelagem e cozedura em temperaturas altas, datadas de há mais de trinta mil anos (Mihael Budja. 2016.75), eram

³ *Engrams* no original. Traduzido pelo autor.

justamente pequenos cones e pellets, objetos semelhantes a contas ou missangas, especula-se, com funções de representar conjuntos de indivíduos ou objetos. Isso faria destas peças algo como exogramas. A assunção de que outros primatas ou animais não tenham a capacidade de criar ou usar exogramas faz a distinção entre humanos e outras espécies, distinção essa, garante Bednarik que “promete resistir ao teste do tempo”. Mas isso imediatamente levanta a questão, afirma: quando começou o ser humano a criar e usar exogramas? “Os únicos exogramas que somos capazes de recuperar do Plistoceno⁴ são os fenómenos da paleoarte” afirma. Para Bednarik eles são o principal corpo de evidencia de como os homínídeos adivinhavam realidades e os seus mundos se tornavam reais. Essa é a realidade profunda da paleoarte: compreender a condição humana. Algo que a arqueologia falhou em realizar ao “relegar a paleoarte para banalidades humanísticas de *arte* ou *simbolismo*”, garante, algo que “nada explica, mas que dá origem a uma discussão humanística sem sentido sobre o que é ou não arte” algo que “resultou numa indústria de criação de falsas taxonomias, estilos imaginados e significados que não são testáveis, não são fiáveis e não são científicos”.

Manuports, gravuras e arte de sobrevivência

Bednarik garante que temos suficientes provas empíricas para tecermos considerações sobre os primeiros exogramas. Para isso precisamos de colocar de lado a preocupação arqueológica com “arte” ou “simbolismo” e substituí-la pela mais sofisticada aproximação à neurociência cognitiva. Os objetos usados ou administrados pelos homínídeos como primeiros repositórios de memória externa serão relativamente fáceis de reconhecer, variando entre manuports⁵ ao uso de pigmentos, de petróglifos a proto figuras, gravuras e entalhes a contas e pingentes. Estes achados não terão utilidade prática visível, no entanto são esteticamente exóticos ou apelativos, a sua eventual informação codificada será manifestamente importante. O primeiro achado suspeito de configurar um exograma é o Makapansgat jaspilite cobble, um *manuport* transportado por muitos quilómetros para o interior de uma caverna dolomita sul africana algures entre 2.4 e 2.9 milhões de anos atrás (Eitzman 1958; Bednarik 1998). A caverna tem muitos vestígios de australopitecos, o que não prova que terão sido eles a depositar o espécime inalterado. A espécie *Homo* já existia na região na altura, garante Bednarik. E por espécie *Homo* Bednarik considera o *Homo heidelbergensis*, o *Homo rhodesiensis* e o *Homo sapiens neanderthalensis*, todas elas assim não espécies distintas, mas subespécies dos “humanos anatomicamente modernos” onde o vértice evolutivo será o *Homo sapiens*.

⁴ Plistoceno. GEOLOGIA primeiro período do Quaternário, que sucede ao Plioceno e precede o Holoceno, que se iniciou há, aproximadamente, 2,6 milhões de anos e terminou há, aproximadamente, 11 700 anos; Pleistocénico, Pleistoceno, Plistocénico. In: Porto Editora – Plistoceno no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-07-01 22:36:54]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Plistoceno>

⁵ Manuports. Em inglês no original: manuports: objetos naturais não modificados que foram movidos por pessoas, incluindo fósseis e curiosidades geológicas, que foram retirados de seu contexto original e às vezes alterados com ferramentas de pedra. Tradução do autor. In: Encyclopedia Britannica. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/manuport>. Consultado a 27 de agosto de 2022.



Fig. 1. Manuport Jaspilite cobble da caverna Makapansgat. África do sul.

In: Bednarik, R. (2018. 81.fig.2)

Independentemente de a questão serem os hominídeos que nos antecederam espécies distintas ou subespécies da nossa, é um facto que a recolha, transporte por grandes distâncias e guarda de uma pequena pedra com três orifícios, que porventura fazem lembrar dois olhos e uma boca, implicará um certo nível de cognição que permita o abstrato ou, se quisermos, o simbólico no primata tornado colecionador há quase três milhões de anos.

Pintar o corpo com pigmentos também pode ser considerado uma manifestação de exogramas, reforça Bednarik. Cobrir o corpo com pigmentos confere significado, independentemente de qual seja. O uso de pigmentos está bem documentado nos três continentes na altura ocupados, afirma. A mais antiga prova parece ser Mashwening (0,8 Ma) e Kathu Pan 1 (0,8-1,3 Ma) na África do sul McBrearty and Brooks (2000). O uso de contas, missangas e pendentos também se reveste de particular importância no contexto dos exogramas. Particularmente porque adornar o corpo implica autoconsciência, refere Bednarik, e embora a autoconsciência exista noutros animais, como aparentemente demonstrado pelo teste do espelho Keenan et al. (2003) o adorno com estes objetos parece limitado a humanos. No entanto foram reportados, afirma, casos de chimpanzés que podem ter demonstrado comportamentos incipientes de auto-decoração (McGrew and Marchant 1998; McGrew 2004; Nishida et al. 2009), se estas observações estiverem corretas podemos encontrar indícios de decoração corporal desde os alvores do género Homo⁶. Outra classe de

⁶ Homo. Género da família Hominidae (ordem Primates) caracterizado por uma capacidade craniana relativamente grande, estrutura de membros adaptada a uma postura ereta habitual e uma marcha bípede, polegares bem desenvolvidos e totalmente oponíveis, mãos capazes de força e preensão de precisão, e a capacidade de fazer ferramentas de precisão padronizadas, usando uma ferramenta para fazer outra. Juntamente com os humanos modernos, Homo sapiens, o género inclui as espécies extintas

exogramas que nos chegam desde o paleolítico inferior, afirma Bednarik, são as gravuras, sejam elas em pedra, osso, marfim ou concha. Uma das primeiras gravuras conhecidas foi detetada apenas recentemente no material escavado por Eugene Dubois (1894) em Trinil, Java, desde o estrato que nos revelou os restos do primeiro *Homo erectus*. O padrão gravado foi encontrado numa concha de mexilhão de água doce datada de entre 540 e 430 ka BP (Joordens et al. 2014). A serem consideradas igualmente uma forma de arte, neste caso eventualmente chamada de exograma, essas gravuras precederiam manifestações artísticas que consideramos primitivas, como por exemplo as da caverna de Altamira em Espanha (fig.2) em mais de meio milhão de anos, e teriam origem em seres que, não se considerando outra espécie diferente da nossa e sim subespécie poderemos dizer que seriam de contrastante desenvolvimento cognitivo e cultural.

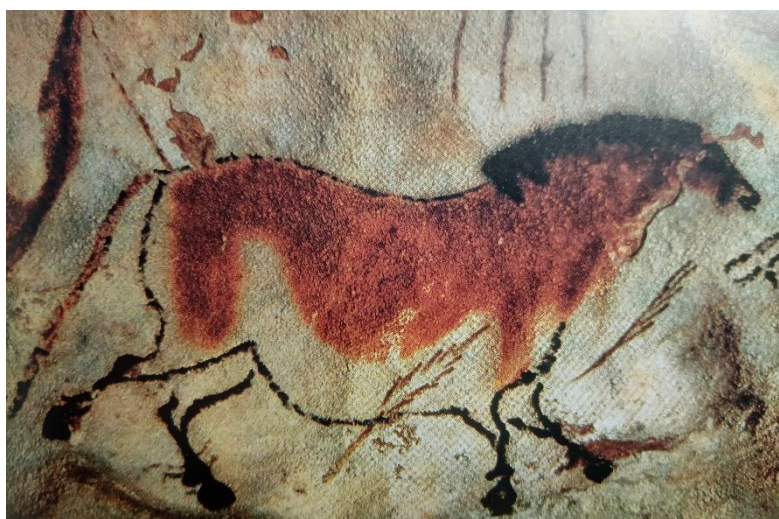


Fig.2

Bisão. Cerca 15000 – 10000 a.C. Pintura em Caverna, Altamira, Espanha

In: Gombrich, E.H. (2015.40. fig20)

Cruzamo-nos com esta ideia, da Arte como um fenómeno que poderia ser transversal a várias espécies (ou subespécies), também em Cabeça, Paulo (2022), embora aqui não seja numa perspetiva da Arte como exogramas ou auxiliares de memória e sim de Arte enquanto expressão de ansiedades subconscientes e viscerais. Esta tese traz-nos a proposta crescentemente aceite de que a criatividade nascerá a partir do cerebelo Coolidge, F. L. (2021) enquanto órgão que gere a nossa relação com o ambiente que nos rodeia. O cerebelo ou “pequeno cérebro” que existia já nos primatas (e outros seres vivos) antes ainda do desenvolvimento do córtex cerebral que nos permite raciocinar, será responsável por mantermos o equilíbrio, por acionar os nossos movimentos, por reagir quando nos queimamos ou sentimos frio, por exemplo. Aparentemente é crescentemente aceite que será também o

H. habilis, H. erectus e H. heidelbergensis, bem como os neandertais (H. neanderthalensis), a forma primitiva do Homo sapiens chamada Cro-Magnon, e o enigmático H. naledi.

Uma mandíbula descoberta no local de pesquisa Ledi-Geraru, no vale do rio Awash, na Etiópia, no início de 2013, serve como o espécime fóssil mais antigo atribuído ao gênero. Datado de 2,8 milhões a 2,75 milhões de anos atrás, possui algumas das características primitivas que ocorrem no Australopithecus, ao mesmo tempo em que contém características derivadas (como dentes menores e queixo reduzido) associadas a espécies posteriores de Homo. In: Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2019, January 9). Homo. Encyclopedia Britannica. <https://www.britannica.com/topic/Homo>. Consultado a 27 agosto de 2022. Tradução do autor.

local de origem da nossa criatividade. A mesma criatividade que nos permite não só criar Arte como inventar foguetões espaciais. A criatividade é descrita assim em Cabeça, Paulo (2021a) como uma ferramenta que se manifesta sobretudo em situações de stress ou de sobrevivência limite, e vai justamente ao encontro da descrição do comportamento criativo, não apenas dos humanos, mas de muitos animais. Mais que um processo, uma verdadeira “arma biológica” que vários animais utilizariam para garantir melhores possibilidades de sobrevivência. A arte surgiria aqui como uma consequência da necessidade de expressão dessa ansiedade pela sobrevivência. Perante a recorrência do fenómeno, que parece comum a várias espécies, o autor questiona mesmo: “Será a arte inevitável?” Cabeça, Paulo. (2022).

Conclusão

Vimos que na abordagem de Bednarik e dos exogramas está de facto presente esta manifestação da Arte primitiva como expressão e quase como um fenómeno biológico também, que ocorre mesmo que de forma incipiente porventura em seres muito primitivos e de cognição aparentemente bastante limitada. Bednarik admite que os exogramas são objetos “intencionais” e que nos permitem “mundos imaginados”, consequentemente simbólicos, sem os quais “não teríamos a capacidade de lidar neuralmente com “a grande carga cognitiva que a complexidade cultural nos impôs como espécie”. Esta noção de representação simbólica, quase como um apêndice da biologia, que se manifesta a partir dos primeiros *manuports* ou dos iniciais riscos em pedras, está presente, vimos, noutras interpretações igualmente como a de Cabeça, Paulo (2022). E se é certo que a verdade não tem geralmente uma única e singular explicação, a proposta de Bednarik pode ser uma contribuição importante, que transportaria o que terá sido o início do que chamamos Arte para tempos muito anteriores aos que consideramos convencionalmente.

Referências

Bednarik, R. G. (1998). The ‘australopithecine’ cobble from Makapansgat, South Africa. *South African Archaeological Bulletin*, 53, 4-8.

Bednarik, R. 2018. The dawn of exograms. *NeanderArt* 2018.
https://www.academia.edu/82235076/The_dawn_of_exograms

Bednarik, R. (2020). Changes in the so-called non-utilitarian production in human history. *NeanderART 2018: Is There Palaeoart before Modern Humans? Did Neanderthals or Other Early Humans Create ‘Art’?*

Budja Mihael. 2016. Ceramics among Eurasian hunter-gatherers 32 000 years of ceramic technology use and the perception of containment. *Documenta Praehistorica XLIII*

Cabeça, P.T. (2021a). Creativity. A biological weapon? *Academia Letters*, Article 2468.
<https://doi.org/10.20935/AL2468>.

Cabeça, P.T. (2021b). The Venus of our anxiety. The first art was visceral. *Academia Letters*, Article 454. <https://doi.org/10.20935/AL454>

Cabeça, P.T. (2022). The natural Art. Artists of different species. *Academia Letters*, Article 4879.
<https://doi.org/10.20935/AL4879>.

Coolidge, F. L. (2021). The role of the cerebellum in creativity and expert stone knapping. *Adaptive Behavior*, 29(2), 217–229. <https://doi.org/10.1177/1059712320966462>

Eitzman, W. I. (1958). Reminiscences of Makapansgat Limeworks and its Bone-breccial Layers. *South African Journal of Science*, 54, 177-182

Gombrich, E.H. 2015. *A história da arte*. 16th ed. Rio Janeiro. LTC

Joordens, J. C. A., F. d'Errico, F. P. Wesselingh, S. Munro, J. de Vos, J. Wallinga, et al. (2014). *Homo erectus* at Trinil in Java used shells for tool production and engraving. *Nature*, 518, 228-231.

Keenan, J. P., D. Falk and G. G. Gallup, Jr. (2003). *The face in the mirror: the search for the origins of consciousness*. New York, N.Y.: Harper Collins Publishers

McBrearty, S. and A. S. Brooks (2000). The revolution that wasn't: a new interpretation of the origin of modern human behaviour. *Journal of Human Evolution*, 39, 453–563.

McGrew, W. C. (2004). *The cultured chimpanzee*. Cambridge: Cambridge University Press.

McGrew, W. C. and L. F. Marchant (1998). Chimpanzee wears a knotted skin 'necklace'. *Pan African News*, 5(1), 8-9.

Nishida, T., T. Matsusaka and W. C. McGrew (2009). Emergence, propagation or disappearance of novel behavioral patterns in the habituated chimpanzees of Mahale: a review. *Primates*, 50(1), 23-36.

Plotkin, H. (2002). *The imagined world made real: towards a natural science of culture*. London: Penguin Books.

Sperber, D. (1996). *Explaining culture: a naturalistic approach*. Cambridge, MA: Blackwell.